Mito da Caverna. Livro VII – (514a – 517a)

I – SÓCRATES - Depois disso, continuei, compara nossa natureza, conforme seja ou não educada, com a seguinte situação: imagina homens em uma morada subterrânea em forma de caverna, provida de uma única entrada com vista para a luz em toda a sua largura. Encontram-se nesse lugar, desde pequenos, pernas e pescoço amarrados com cadeias, de forma que são forçados a ali permanecer e a olhar apenas para a frente, impossibilitados, como se acham, pelas cadeias, de virar a cabeça. A luz de um fogo aceso a grande distância brilha no alto e por trás deles; entre os prisioneiros e o foco de luz há um caminho que passa por cima, ao longo do qual imagina agora um murozinho, à maneira do tabique que os pelotiqueiros levantam entre eles e o público e por cima do qual executam suas habilidades.

GLAUCO - Figuro tudo isso, respondeu.

SÓCRATES - Observa, então, ao comprido desse murozinho homens a carregar toda a sorte de utensílios que ultrapassam a altura do muro, e também estátuas e figuras de animais, de pedra ou de madeira, bem como objetos da mais variada espécie. Como é natural, desses carregadores uns conversam e outros se mantêm calados.

GLAUCO - Imagens muito estranhas, disse, como também prisioneiros de que falas.

SÓCRATES - Parecem-se conosco, respondi. Para começar, achas mesmo que, em semelhante situação, poderiam ver deles próprios e dos vizinhos alguma coisa além da sombra projetada pelo fogo, na parede da caverna que lhes fica em frente?

GLAUCO - De que jeito, perguntou, se a vida inteira não conseguem mexer a cabeça?

SÓCRATES - E com relação aos objetos transportados, não acontecerá a mesma coisa?

GLAUCO - Como não?

SÓCRATES - Logo, se fossem capazes de conservar, não acreditas que pensariam estar designados pelo nome certo tudo o que vêem?

GLAUCO - Necessariamente.

SÓCRATES - E se no fundo da prisão se fizesse também ouvir um eco? Sempre que falasse alguma das estátuas, não achas que eles só poderiam atribuir às sombras em desfile?

GLAUCO - Sim, por Zeus! Exclamou.

SÓCRATES - De qualquer forma, continuei, para semelhante gente a verdade consistiria apenas a na sombra dos objetos fabricados.

É mais do que certo, respondeu.

SÓCRATES - Considera agora, lhe disse, quais seriam as conseqüências da libertação desses homens, depois de curados de suas cadeias e imaginações, se as coisas se passassem do seguinte modo: vindo a ser um deles libertado e obrigado imediatamente a levantar-se, a virar o pescoço andar e olhar em direção a luz, não apenas tudo isso lhe causaria dor, como também o deslumbramento o impediria de ver os objetos cujas sombras até então ele enxergava. Como achas que responderia a quem lhe afirmasse que tudo o que ele vira até ali não passava de brinquedo e que somente, agora, por estar mais próximo da realidade e ter o rosto voltado para o que é mais real é que ele via com maior exatidão; e também se o interlocutor lhe mostrasse os objetos, à medida que fossem desfilando, e o obrigasse, à custa de perguntas, a designá-los pelos nomes? Não te parece que ficaria atrapalhando e imaginaria ser mais verdadeiro tudo o que ele vira até então do que quanto naquele instante lhe mostravam?

GLAUCO - Muito mais verdadeiro, respondeu.

II – SÓCRATES- E no caso de forçarem a olhar para a luz, não sentiria dor nos olhos e não correria para junto das coisas que lhe era possível contemplar, certo de serem todas elas mais claras do que as que lhe então apresentavam?

GLAUCO - Isso mesmo, disse.

SÓCRATES - E agora, perguntei, se o arrastassem á força pela rampa rude e empinada e não o largassem enquanto não houvessem alcançado a luz do sol, não te parece que sofreria bastante e se revoltaria por ver-se tratado daquele modo? E depois de estar no claro, não ficaria com a vista ofuscada, sem enxergar nada do que lhe fosse, então indicado como verdadeiro?

GLAUCO - De fato, respondeu; pelo menos no começo.

SÓCRATES - Precisaria, creio, habituar-se para poder contemplar o mundo superior. De início, perceberia mais facilmente as sombras; ao depois, as imagens dos homens e dos outros objetos refletidos na água; por último, os objetos e, no rato deles, o que se encontra no céu e o próprio céu, porém sempre enxergando com mais facilidade durante a noite, à luz da lua e das estrelas, do que de dia ao sol com todo o sue fulgor.

GLAUCO - Não há dúvida.

SÓCRATES - Finalmente, segundo penso, também o sol, não na água ou sua imagem refletida em qualquer parte, mas no lugar certo, que ele poderia ver e contemplar tal como é mesmo.

GLAUCO - Necessariamente, disse.

SÓCRATES - De raciocínio em raciocínio, chagaria à conclusão de que o sol é que produz as estações e tudo dirige no espaço visível, e que, de algum modo, é a causa do que ele e seus companheiros estavam habituados a distinguir.

GLAUCO - É evidente, respondeu, que depois de tudo, ele concluiria dessa maneira.

SÓCRATES - E então? Quando se lembrasse de sua primitiva morada, da sabedoria lá reinante e dos companheiros de prisão, não te parece que se felicitaria pela mudança e lastimaria a sorte deles todos?

GLAUCO - Sem dúvida.

SÓCRATES - E as honrarias e os elogios distribuídos entre eles mesmos, os prêmios para quem percebesse com mais nitidez as imagens em desfile e se lembrasse com exatidão do que costumava aparecer em primeiro lugar, ou por último, ou concomitante, e que, por isso, ficasse em condições de prever o que iria dar-se, acreditas que semelhante indivíduo tivesse saudades do outro tempo ou invejasse os que entre eles fossem alvo de distinções ou fizessem parte do governo? Ou com ele se passaria aquilo de Homero:

Pois preferia viver empregado em trabalhos de campo, sob um senhor sem recursos,

E vir a sofrer seja o que, a voltar para semelhantes ilusões e viver a antiga vida?

GLAUCO - É também o que eu penso, respondeu; agüentaria tudo, para não voltar a viver daquele jeito.

SÓCRATES - Considera também o seguinte, lhe falei: se esse indivíduo baixasse de novo para ir sentar-se em seu antigo lugar, não ficaria com os olhos obnubilados pelas trevas, por vir da luz da luz do sol tão de repente?

GLAUCO - Sem dúvida, respondeu.

SÓCRATES - E se tivesse de competir outra vez a respeito das sombras com aqueles eternos prisioneiros, quando ainda se ressentisse da fraqueza da vista, por não se ter habituado com o escuro – o que não exigiria pouco tempo – não se tornaria objeto de galhofa dos outros e não diriam esses que o passeio lá por cima lhe estragara a vista e que não valia a pena sequer tentar aquela subida? E se porventura ele procurasse libertá-los e conduzi-los para cima, caso fosse possível aos outros fazer uso das mãos e matá-lo, não lhe tirariam a vida?

GLAUCO - Com toda a certeza, respondeu.

As características do filósofo (suas implicações enquanto guardião das leis). Livro VI – (484b-487a)

SÓCRATES - (...) Que mais, lhe respondi, senão o que vem logo em seguida? Uma vez que o filósofo é o indivíduo capaz de apreender o ser eternamente imutável, e os demais não, por se perderem os não filósofos na esfera do múltiplo e variável, a qual deles compete dirigir a cidade?

ADIMANTO - De que maneira devemos expressar-nos, disse, para responder com propriedade?

SÓCRATES - Dos dois o que se revelar capaz de cuidar das leis e instituições da cidade, esse deverá ser escolhido para guarda.

ADIMANTO - É muito certo, observou.

SÓCRATES - Porém, não é mais do que claro que não pode haver vacilação na escolha de um guarda seja do que for, entre um cego e uma pessoa de vista penetrante?

ADIMANTO - Como não há de ser claro? Perguntou.

SÓCRATES - E achas, porventura, que diferem dos cegos os indivíduos carentes, realmente, do conhecimento da essência das coisas, e que não trazem na alma nenhum modelo claro, nem vêem, como os pintores, a verdade ideal a que sempre se reportam com a maior nitidez possível, para depois estabelecerem entre nós as leis do belo, do justo e do bem, no caso de ainda não haverem sido fixadas, ou para guardar e preservar as já existentes?

ADIMANTO - Não, por Zeus, foi a sua resposta; não há grande diferença.

SÓCRATES - Escolhemos esses, de preferência, para os estabelecermos como guardas, ou os que conhecem tudo o que existe e que em matéria de experiência em nada ficam a dever àqueles nem lhes são inferiores em nenhuma parte da virtude?

ADIMANTO - Fora absurdo, sem dúvida, escolher outros, respondeu, uma vez que estes em nada deixam a desejar. É nisso, precisamente, que consiste a sua maior vantagem.

SÓCRATES Agora teremos de mostrar de que modo eles conseguem unir as duas coisas.

(...)

Com relação à natureza dos filósofos, devemos aceitar como fato irretorquível que estes são apaixonados do conhecimento capaz de revelar algo daquela essência eterna que não oscila entre o nascimento e a destruição (...) Logo, a mesma natureza não poderá ser a um só tempo amiga da sabedoria e da falsidade.

ADIMANTO - De jeito nenhum.

SÓCRATES - Como terá de esforçar-se, ao máximo, desde moço, o verdadeiro amante do conhecimento para alcançar toda a verdade (...) Um homem assim terá de ser temperante e de forma alguma cobiçoso de dinheiro, pois os motivos que lavam alguém à aquisição de riquezas estarão mais de acordo com o caráter de qualquer outra pessoa do que com o dele. (...) E poderias, ademais, criticar sob qualquer aspecto a atividade que não chega a ser exercida a contento por quem não for naturalmente dotado de memória, inteligência, magnanimidade e graça, além de ser amigo e aliado da justiça, da coragem e da temperança?

ADIMANTO - Nem o próprio Momo, disse, encontraria o que criticar.

SÓCRATES - E não será apenas a homens como esses, perguntei, aperfeiçoados pela idade e pela educação, que entregarias a cidade?

---

* Crítica aos sofistas. Livro VI – 493b.

SÓCRATES - Que todos esses mercenários particulares que o povo denomina sofistas e considera seus concorrentes, outra coisa não ensinam senão a doutrina defendida pela maioria em suas assembléias e a que dão o nome de sabedoria. Seria o

caso do indivíduo que tivesse de alimentar algum animal grande e forte, e se pusesse a estudar suas manifestações de cólera, seus apetites, como ficar perto dele, de que jeito apalpá-lo, como e por que se mostra dócil ou rebelde, conforme as circunstâncias, o não ter um rosnar certo, e que vozes revelam a propriedade de irritá-lo ou de acalmá-lo, e que, depois de aprender tudo isso no trato diuturno e com observação prolongada, desse a tal conhecimento o nome de sabedoria e fizesse dele um sistema de arte, para poder ensiná-la, porém ignorasse de todo, nos seus pronunciamentos acerca desses apetites o que seja belo ou feio, bom ou mau, justo ou injusto, por empregar todas essas expressões de acordo apenas com noções peculiares àquele monstro: bom é tudo o que lhe proporciona prazer; mau, o que o irrita, sem conseguir, porém, justificá-las de nenhum jeito, se não for considerando justas e honestas as necessidades da natureza. Mas quanto à grande diferença existente entre a necessidade e o bem, isso nunca ele viu nem nunca será capaz de mostrar a ninguém. Por Zeus, não achas que um tipo desse estofo daria um preceptor assas estranho?

* Dos governantes e governos. Livro VIII.

SÓCRATES - O mesmo acontece com o protetor do povo, quando dispõe de uma turba fácil de dirigir: não se abstém de beber sangue dos de sua própria tribo. Por acusações caluniosas, muito do gosto desses tais, arrastam-nos aos tribunais e se maculam com o crime de homicídio, língua e boca profanadas com o gosto do sangue dos parente exilados ou executados, e com promessas vagas de abolição das dívidas e redistribuição de terras. Uma vez chegado a esse ponto, não será inevitável e, por assim dizer, fatal que semelhante indivíduo pereça na mão dos inimigos ou se torne tirano, e, de homem que era, se transforme em lobo? (566a)

* Harmonização da alma. Livro IX.

SÓCRATES - Por isso, os indivíduos desconhecedores da virtude e da sabedoria e dados a comezainas e a outros divertimentos do mesmo gênero, movimentam-se, como parece, para baixo, e depois só se alçam até a região do meio, oscilando, desse modo, a vida inteira entre esses limites, sem jamais ultrapassá-los. Não havendo atingido em nenhum tempo nem visto a verdadeira altura, nunca se saciaram com a vista do verdadeiro ser nem conheceram o prazer firme e duradouro; porém, vivendo como o gado, o olhar sempre baixo, e inclinados para a terra e para a mesa, passam a vida no pasto, a engordar e a se sujarem mutuamente empenhados, cada qual mais, em vantagens próprias: atracam-se, batem-se uns nos outros com cornos e cascos de ferro, por nunca estarem saciados, visto não encherem com o que tem realidade a parte deles mesmos que realmente existe e retém o que recebe. (586a)

(...)

Procuremos, então, quem afirmou que para este homem é útil cometer injustiça e prejudicial ser justo, e lhe provemos que tal afirmativa equivale a dizer que lhe seria vantajoso alimentar e fortalecer aquela fera de mil formas e o leão com toda a sua companhia, e deixar morrer de fome e inanir-se o homem, de forma que este seja arrastado para onde quer que os dois o puxem, e em vez de harmonizá-los e habituá-los a viver juntos, permite que se mordam e se batam reciprocamente se devorem.

GLAUCO - Foi exatamente o afirmou, me disse, o autor do elogio da injustiça.

SÓCRATES - E o contrário disso: declarar que é vantajoso ser junto, equivale a dizer que tudo o que fizermos ou falarmos deverá ter em mira permitir que o homem interior domine quanto possível o homem inteiro e a cuidar do monstro de mil cabeças à feição do lavrador que alimenta e favorece as espécies mansas e impede de crescer as selvagens. Para educar o homem interior, alia-se à natureza do leão e cuida das outras partes em comum, de forma que todos se tornem amigos uns dos outros e também dele. (589a)

* O Mito de Er. Livro X – (614b-619a).

XIII – SÓCRATES -Tais são, continuei, os prêmios, as recompensas e os presentes que em vida os justos recebem dos deuses e dos homens, sem falarmos nos bens que a própria justiça lhes confere.

GLAUCO - Belas dádivas, disse, e permanentes.

SÓCRATES - No entanto, continuei, nada representam, assim em número como em grandeza, em comparação com o que espera a ambos depois da morte, o justo e o injusto. É o que será preciso dizer, para que tanto um como o outro receba exatamente o que lhes deve nossa exposição.

GLAUCO - Podes falar, me disse; não há o que eu ouça com maior prazer do que isso.

SÓCRATES - Não vou contar apólogo de Alcino, comecei, porém a história de um varão de muito merecimento, Er, filho de Armênio, Panfilio de origem. Havendo morrido em combate, no décimo dia, quando recolheram os corpos, já em começo de putrefação, foi o dele encontrado em perfeito estado e levado para casa, a fim de ser sepultado daí a dois dias. Mas, ao ser colocado na pira, reviveu e contou o que vira no outro mundo. Logo que sua alma saiu do corpo, disse ele, partiu dali em companhia de muitas outras e foram dar a um lugar maravilhoso com duas fendas na terra, contíguas, e outras duas em cima, no céu, igualmente dispostas. Entre essas duplas fendas achavam-se sentados alguns juízes que, depois de enunciarem a sentença, mandavam os justos subirem pelo caminho da direita, no rumo do céu, depois de fixar-lhes na frente um escrito com o teor da sentença, e os

injustos pelo caminho da esquerda, ladeira abaixo, os quais, também, levavam nas costas o relato de quanto haviam praticado. Ao aproximar-se dos juízes, estes lhes disseram que ele fora escolhido como mensageiro para os homens e lhe recomendaram ouvir e observar tudo o que se passasse à sua volta. Notou, então, que as almas, depois de julgadas, se dirigiam para uma das aberturas do céu ou da terra; das outras duas fendas saíam de contínuo novas almas: exaustas e empoeiradas as que subiam da terra, e limpas as que baixavam do céu. Em levas ininterruptas, todas pareciam chegar de uma longa viagem e se reuniam alegremente no prado onde acampavam como num festival; as que se conheciam, cumprimentavam-se; as oriundas da terra inquiriam as outras sobre o que se passava no céu, como as do céu procuravam informar-se das ocorrências da terra. Nesses relatos recíprocos, por entre lágrimas e gemidos, algumas recordavam quanto haviam sofrido ou visto sofrer na viagem subterrânea – viagem de mil anos – enquanto outras, as baixaram do céu, relatavam suas vivências celestes, de inconcebível beleza. Para contar tudo, Glauco, seria necessário muito tempo; mas o que, em resumo, ele disse foi seguinte: por cada falta cometida contra alguém, as almas eram castigadas, por ordem e individualmente, dez vezes, durando, por conseguinte, cem anos o castigo de cada uma, a duração exata da vida humana, para que a punição fosse o décuplo do crime cometido. Assim, quem fosse criminoso de muitas mortes ou houvesse traído cidades ou exércitos e os reduzisse à escravidão, ou fosse cúmplice, por cada crime teria de sofrer dez vezes mais. Por outro lado, os que só espalharam benefícios e viveram justa e santamente, eram recompensados na mesma proporção. Dos que mal chegaram a nascer e tiveram vida curta, o que Er contou não merece ser agora recordado. No que entende com piedade ou impiedade com relação aos deuses ou aos pais, e os crimes de morte violenta, era ainda maior a punição. Contou também que estava presente quando perguntaram a alguém se sabia onde se encontrava Ardieu, o Grande. Esse Ardieu, como tirano de uma cidade da Panfília, além de muitos outros crimes abomináveis que lhe imputavam, assassinara mil antes seu velho pai e o irmão mais velho. O interrogado respondeu: Não está – falou assim mesmo – e dificilmente poderá vir até aqui.

(...)

XV – SÓCRATES - Ao chegarem, as almas tinham de apresentar-se imediatamente a Láquese. Nesse passo, um profeta as colocou em ordem; de seguida, tomando dos joelhos de Láquese sortes e modelos de vida, subiu para um tribuna alta, de onde falou: Proclamação da virgem Láquese, filha da Necessidade! Almas efêmeras, um novo círculo mortífero começa para a geração mortal! Não é um demônio que vai tirar a sorte: cada uma de vós escolherá o seu próprio demônio. O primeiro sorteado será o primeiro a escolher a vida que necessariamente ficará ligado. A virtude não tem senhor. A cada um tocará maior ou menor porção, conforme o grau de estima ou menosprezo que lhe conceder. Quem escolhe, arca com a responsabilidade. Deus não tem culpa. Assim dizendo, jogou as sortes para o meio das almas, segurando cada uma a que lhe caíra aos pés, com exceção de Er, a quem o profeta impediu de fazê-lo. Com levantar sua sorte, cada alma ficava sabendo o lugar que lhe coubera. Logo depois, jogou no chão, defronte de todas, modelos de vida, em número muito superior ao das almas ali presentes. Havia dos mais variados gêneros, de animais de toda a espécie e de homens de diferentes condições. Tiranias também havia, algumas para toda a vida, outras destruídas a meio caminho e acabando em pobreza, exílio e mendicidade, como também vidas de varões famosos pela beleza dos traços, robustez e força nas competições ou pela nobreza do berço e virtudes dos antepassados, e também de gente obscura sob todos os aspectos e de mulheres nas mesmas proporções. Não havia ordem estabelecida para a colocação das almas, por ser fatal mudarem todas elas de vida, de acordo com sua própria escolha. As demais formas estavam baralhadas e de mistura com a riqueza e a pobreza, a doença e a saúde; algumas se mantinham num meio termo disso tudo. Esse meu caro Glauco, como parece, é o momento decisivo para o homem; por isso, cada um de nós precisa pôr de lado os outros estudos e empenhar-se exclusivamente na investigação e aprendizagem deste único. Quem sabe se assim virá a descobrir e reconhecer o homem capaz de deixá-lo em condições de discernir entre a boa e a má norma de vida e de, em qualquer circunstância, escolher o melhor, dentro de suas possibilidades, com calcular o efeito que as qualidades por mim expostas e apresentadas têm sobre a virtude, separadamente ou em conjunto? Precisará saber, por exemplo, a importância da beleza quando associada à riqueza ou à pobreza e com que disposição da alma deverá combinar-se para produzir bons ou maus resultados, e como a nobreza ou obscuridade do berço, a vida privada e os cargos públicos, a robustez ou a debilidade, a facilidade ou dificuldade de aprender, juntamente com os mais dotes naturais da alma atuam em combinação recíproca. Desse modo, comparando entre si todos esses elementos e tendo sempre em vista a natureza da alma, ficará em condições de discernir entre a vida boa e a má, dando a denominação de má à que contribui para deixar injusta a alma, e de boa, pelo contrário, à que deixa justa, sem a nada mais atender. Como vimos, tanto em vida como depois da morte é a melhor escolha que alguém pode fazer. (...)